



Exposição multiplataforma (presencial e web) que se constitui como uma reflexão sobre a pintura e desenho dos lugares a partir de entrevistas a artistas residentes em Torres Vedras, intérpretes privilegiados do “espírito do lugar”.

Este texto faz parte integral da exposição

ANDARILHOS DO DESENHO

Carlos Augusto Ribeiro

Referência de citação: Andarilhos do Desenho, Carlos Augusto Ribeiro, projeto LU.GAR Territórios Culturais, <<https://lugar.memoriamedia.net>> [data]

I

A comunidade planetária, denominada *Urban Sketchers*, privilegia a prática de um desenho de observação que ocorre, preferencialmente, em lugares físicos – interiores ou exteriores – ao ar livre. Os adeptos de *Urban Sketching* partilham o mesmo conjunto de princípios orientadores, sucintamente estipulado no manifestoⁱ do movimento. Une-os a paixão de andarⁱⁱ e ver. Ver com os próprios olhos, aprendendo enquanto se está a ver, em vez de satisfazer-se com o conhecimento fornecido por descrição ou analogia. Pedese aos andarilhos do desenho a aproximação aos assuntos a desenhar e a compreensão do lugar com todos os sentidos.

II

O fundador da reputada comunidade global de desenhadores urbanos é um jornalista e ilustrador, Gabriel Campanario, sediado em Seattle. A sua fundação, em 2007, está associada ao início de um fórum *online*, criado por Campanario, com a intenção de congregar todos os desenhadores que prezam desenhar a cidade e as cenas de vida quotidiana, observadas a partir de um determinado ponto de vista (janela, parque de estacionamento, esquina). Em 2008, Campanario convida uma centena de desenhadores urbanos a partilharem os seus desenhos e as suas histórias no seu *blog Urban Sketchers*ⁱⁱⁱ. Com o desígnio de «Mostrar o Mundo, um Desenho de Cada Vez» (no original: «See the World, One Drawing at a Time»), o referido *blog* proporcionou visibilidade à comunidade e inspiração a todos os entusiastas do globo pelo exercício do desenho no espírito do manifesto do movimento. Em 2009 é reconhecido a esta comunidade alargada o estatuto de organização sem fins lucrativos.

A valorização de um desenho à mão livre, analógico, enquanto testemunho e mnemónica pessoais, tem uma significação inegável – sobretudo, em contextos de acessibilidade generalizada a aparelhos de visão, a registos fotográficos e videográficos, ou ao desenho por computador. O ato de desenhar o que se observa *in loco* solicita uma imersão lenta do desenhador no lugar em que vive ou para o qual viaja. A vivência e a experiência corporal do ambiente multissensorial possibilitadas pelo desenho, coloca o desenhador (viajante) numa posição orgânica e dialogante com as pessoas que encontra. Uma atitude que contrasta com a de um operador de imagens técnicas, cujas máquinas – garantindo, ilusoriamente, uma visão objetiva, sem mediação humana – facilitam uma atitude de distanciamento e separação do que se passa em redor. Comparativamente, andar, ver e desenhar, é uma forma de resistência à voracidade consumista de sítios e um modo de viver o tempo integral da viagem^{iv}. Por esse motivo, o desenho^v pode constituir um antídoto eficaz contra a generalizada e desregulada gula visual, estimulada pela abundância de tecnologias visuais^{vi}.

III

Muitas vezes, realizado em cadernos portáteis, o desenho (proporcionando o conhecimento por via visual) vem eventualmente acompanhado de outros meios / tipos de representação: um texto escrito, uma nota sobre a história de um lugar ou uma data. Sempre atento ao que o rodeia, o desenhador (obsessivo) desenha para não esquecer o que vê^{vii}. Acrescenta, aos próprios desenhos, inscrições: descrições e comentários sobre o tema ou assunto.

Em termos de metodologia, o desenho é realizado, frequentemente, em várias (três) fases: observação; registos (desenhando o que se tenha visto) e, finalmente, acabamento (recorrendo à memória ou a uma fotografia) ou reconstrução (imaginando a partir de uma anotação gráfica, desenhando o que deveria ser).

Por ser um objeto íntimo, o caderno portátil – diário gráfico ou diário de viagem – é o lugar de experimentação com variadas maneiras de registo, modos de representação e materiais.

IV

Embora a prática de desenho designada de *Urban Sketching* (com raízes no passado, recente e distante) tenha sido inicialmente popularizada através de livros, a *internet* e as redes digitais permitiram a criação de uma comunidade global com ramificações regionais^{viii}.

Para além dos propósitos de divulgação e pedagogia, o movimento internacional de *urban sketching*^{ix} socorre-se de redes sociais *online*, simpósios^x, livros e revista *online* mensal *Drawing Attention*^{xi} para reforçar a identidade e os laços de solidariedade (e, suporte afetivo) entre a comunidade de desenhadores, nacionais e estrangeiros^{xii}.

Estas ferramentas potenciam a visibilidade dos resultados dos eventos de desenho^{xiii}, bem como as possibilidades de contacto e comunicação entre os diferentes praticantes^{xiv}. Cada desenho partilhado nas plataformas das redes sociais proporciona ao espectador (visitante: desenhador – profissional ou amador) um vislumbre de histórias, vividas e visualmente contadas, de um lugar. Peça de reportagem visual a olho nu, cada desenho é o momento da história de um viajante, apreciando atentamente o que o rodeia e deambulando através do desenho^{xv}.

V

O sucesso do movimento *urban sketching* deve-se, também, à valorização dos aspectos relacionais associados à experiência coletiva do desenho num dado sítio: a promoção de um sentido de comunidade ou elo relacional entre todos os desenhadores (iniciantes ou veteranos); a convivência solidária entre os participantes, independentemente do grau de

habilidade e experiência^{xvi}, conforme a um espírito de partilha e integração^{xvii}; a promoção de um sentido de pertença a uma espécie de irmandade do desenho, na qual o desenho é entendido como (poderosa) ferramenta de ligação informal^{xviii} com a formação^{xix}; um modo de socialização entre desenhadores e desenhados. A pretexto do desenho, convive-se desenhando ou, nos intervalos, vê-se desenhar, aprendendo com os seus pares. A experiência do lugar – sensorial e afetiva – estimula e suporta a experiência (pessoal e coletiva) do desenho. A frequência dos encontros reforça o gosto de desenhar, possibilitando o aperfeiçoamento pessoal do desenhador e uma aprendizagem de síntese.

VI

A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) trouxe desafios e contrariedades aos intentos programáticos da comunidade *Urban Sketchers*. A experiência individual em tempo de *lockdown* ficou limitada às dimensões da habitação e emoldurada por janelas estreitas. Sob um contexto de isolamento e confinamento sanitários^{xx}, os encontros presenciais são suspensos e, em grande medida, são substituídos por encontros *online*, nos quais os objetos a desenhar passam a ser as suas imagens fotográficas (usando ou não o GPS) e, os lugares a visitar, as imagens disponibilizadas pelo *Google Maps*^{xxi}. Os encontros em contexto urbano são substituídos, também, por caminhadas em zonas rurais, onde a etiqueta sanitária poderia ser, confortavelmente, respeitada.

VII

A prática do desenho *de visu* ao ar livre requer a coragem de se desenhar no espaço público. Rodeado de transeuntes, apressados, ou de curiosos, o desenhador está minimamente disponível para sofrer alguns estorvos e canseiras^{xxii}. Se, reconhecidamente, a atmosfera coletiva de entusiasmo e amabilidade proporciona a libertação (desinibição) e inspiração necessárias a cada amante do desenho, a relação do

desenhador com os curiosos pode tornar-se indesejavelmente inibidora. Em certas ocasiões, o desenhador vê-se forçado a recorrer a algumas estratégias defensivas^{xxiii}. Tendo em consideração as condições precárias desse exercício para se mover e desenhar, qualquer *Urban Sketcher* respeita os princípios de portabilidade, leveza e funcionalidade do equipamento e dos instrumentos de desenho^{xxiv}. Move-se para estudar (e escolher) o melhor ângulo de visão (o que quer focar e como representar); ensaiar algumas composições. Desenha rápido. Na falta de tempo, adiciona a cor^{xxv}, mais tarde e fora do local em que o desenho é realizado.

VIII

O prazer do desenho motiva o desenhador a deambular sem um itinerário marcado ou a deslocar-se a um dado lugar, conhecido ou desconhecido, próximo ou longínquo. Desenhar, em união com a paisagem e as pessoas em redor, é viver momento a momento no presente, contestando o nosso presente hiperligado e o tempo hiperativo. O esforço físico de ir a um local para registar aspectos e acontecimentos, vistos com os próprios olhos, contraria a «presunção de onisciência inspirada pela *Internet*» (Theroux 2021, 13).

O praticante de *urban sketching* escolhe, prioritariamente, as paisagens urbanas (e as cenas do quotidiano em ambientes citadinos) como objetos para desenhar^{xxvi}, a partir de um ponto de vista determinado. Por pouco descritivo ou objetivo que seja, cada desenho enquanto registo pessoal do tempo e do espaço remete-nos para uma série de recordações: além de aspectos de um lugar – as sensações e perceções de um território físico, real, tangível, processadas mediante uma linguagem visual pessoal –, a lembrança da situação do desenhador (encontros e experiências próprias) e a da circunstância do desenho^{xxvii} (tempo preciso, fixado).

IX

O século XX é marcado por uma ausência de pintura de paisagem enquanto género^{xxviii} e, concomitantemente, por uma apreciação autónoma da paisagem, resultante de uma maior facilidade de acesso direto à natureza. A experiência moderna da paisagem não é regulada pela conceção vedutística da paisagem (i.e. redutora da paisagem a uma vista)^{xxix}. A arte deixou de ser entendida como um espelho da natureza. Doravante, a representação específica de uma determinada paisagem pode constituir um ponto de partida (e não de chegada) profícuo para aquele que estiver disposto a conciliar as exigências decorrentes de se pintar o natural com as possibilidades abertas por toda a arte experimental do século XX e XXI. A tarefa é precária, mas potencialmente libertadora – estabelecer uma correspondência entre a totalidade das relações criadas pelas marcas na tela e as que se podem deduzir da paisagem. Nessa medida, importa então sustentar um olhar que vai e vem entre a paisagem e as marcas sobre a tela. Pintar o natural, no local, implica, por um lado, ser-se fiel ao objeto observado, conforme a um processo constante de verificação, correção e análise do que pode ser visto e do modo como se altera ao longo do dia – processo pelo qual se pode descobrir formas e estruturas demasiado complexas e variadas para serem inventadas ou reconstruídas com base em recordações. Implica, por outro lado, consciente da independência das marcas da tela, estar-se atento ao processo de construção do quadro, numa avaliação cuidadosa da sua lógica e necessidades.

Poderíamos pensar nas paisagens pintadas por David Hockney^{xxx}, Leon Kossoff^{xxxi}, Frank Auerbach^{xxxii} entre outros. David Hockney pinta a partir da natureza, encantado com a inesgotável beleza do mundo visível. ‘Inesgotável’, porque – como afirma – unicamente as imagens da natureza cansam.

Gonçalo Ribeiro Telles fala do homem como um «animal de passagem permanente» [e da paisagem como] um «teatro que [o homem] cria e que vai vendo crescendo, que vai desenvolvendo, defendendo, que vai construindo e emendando»^{xxxiii}. A paisagem é o reflexo de um conjunto amplo de relações entre seres humanos e ciclos naturais. As características de uma paisagem cultural são continuamente determinadas por padrões comportamentais (humanos e de outras espécies) e espelham um modo de compreensão das relações complexas e integradas entre espécies, lugares e condições ambientais (Roe e Taylor 2014, 3). A paisagem deriva de um processo integrado e evolutivo de uma série de interações de uma dada sociedade / cultura (agente de mudança) com um dado ambiente (meio) natural. Enquanto realidade processual, ela muda sempre como sempre aconteceu e acontecerá por intermédio da conjunção de processos naturais e de práticas humanas.

Rural ou urbana, a paisagem é a cena ubíqua em que decorre a vida de cada indivíduo e acontece, na passagem diária por ela, a confluência com tantas outras vidas em trânsito, movidas por uma multiplicidade de afazeres. Moldámo-la e, por seu turno, somos moldados por ela.

A individualidade de um lugar singular é constituída por um aspecto estético determinante – um traço saliente da identidade local. Um requisito que caracteriza e fixa a identidade estética de um lugar, a paisagem daquele lugar^{xxxiv}. A identidade estética de um lugar é o resultado da interação de três elementos, copresentes na paisagem: a natureza, a cultura e a história^{xxxv}. O significado de um lugar nunca pode ser reduzido aos simples dados físico-naturais ou biológicos (ambiente), embora os conhecimentos biológicos, geográficos e ecológicos sejam relevantes para a percepção da identidade estética de um lugar.

ⁱ O manifesto de *Urban Sketchers* estabelece, clara e sucintamente, as suas regras / princípios: «We draw on location, indoors or out, capturing what we see from direct observation. / Our drawings tell the story of our surroundings, the places we live and where we travel. / Our drawings are a record of time and place. / We are truthful to the scenes we witness. / We use any kind of media and cherish our individual styles. / We support each other and draw together. / We share our drawings online. / We show the world, one drawing at a time.» <http://www.urbansketchers.org/p/our-manifesto.html>

O manifesto encontra-se traduzido no site do movimento em Portugal: «Desenhamos in situ, no interior e no exterior, registando diretamente o que observamos. / Os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os lugares onde vivemos e por onde viajamos. / Os nossos desenhos são um registo do tempo e do lugar. / Somos fiéis às cenas que presenciamos. / Usamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual. / Apoiamo-nos uns aos outros e desenhamos em grupo. / Partilhamos os nossos desenhos online. / Mostramos o mundo, um desenho de cada vez.» <https://urbansketchers-portugal.blogspot.com/p/manifesto-dos-urban-sketchers.html>

ⁱⁱ Caminhar é a forma mais antiga de viajar. Paul Theroux entende a caminhada como um «acto espiritual» integrado num processo de purificação e portador de alívio à mente do peregrino (*A Arte da Viagem*, 156). Enquanto «estado de espírito [...] quase inteiramente uma experiência íntima» e um «acto de desaparecimento» (Theroux, 22), a viagem – implicando, na sua intrínseca circularidade, itinerário e deambulação específicos – comporta a «possibilidade mágica de reinvenção» do viajante (Theroux, 19). Na sua seminal palestra, *Caminhada*, Henry David Thoreau traça a história do termo ‘saunterer’, sinónimo de ‘andarilho’. Segundo Thoreau, o termo remete para as pessoas livres que vagueavam, na Idade Média, e que pediam esmolas para ir ‘à Terra Santa’. Os caminhantes bem-sucedidos são ‘saunterers’. Outros «atribuem a origem da palavra à expressão francesa *sans terre*, sem terra nem lar, que, portanto, em boa verdade, quer dizer gente sem casa a que chamar sua, mas que se sente em casa em todo o lado. Pois é este o segredo da errância bem-sucedida.» (Thoreau, 15-16).

ⁱⁱⁱ O grupo *Urban Sketchers* nasce, em 2007, no *Flickr* – um *site* de alojamento e partilha de imagens (fotografias, vídeos, desenhos e ilustrações) que fornece aos usuários a possibilidade de organizar e classificar as suas próprias imagens e, assim, tornar o processo de busca de imagens (classificadas por meio de categorias ou etiquetas) mais fácil e veloz. O fundador dos *Urban Sketchers* é um jornalista e ilustrador do *The Seattle Times*, interessado na reportagem visual: «The Urban Sketchers founder Gabriel (Gabi) Campanario is a Spanish journalist and illustrator living in Seattle. He is a journalist for *The Seattle Times* where he contributes as an artist and a writer to both the printed edition as well as *blogs*. As more and more artists began to submit and share their drawings online, Campanario started a group to support and promote journalistic drawing depicting real life as it happens in front of the artist.

A year later in 2008 Campanario created the *Urban Sketchers blog*. Participation in the *Urban Sketchers blog* is by invitation and is limited to a hundred artists. The term *Urban Sketchers Correspondent* was created. Correspondents are invited by Campanario and commit to contribute journalistic sketches on a regular basis. The sketches are accompanied by stories providing a background for the sketch: when and where the sketch was created and some details about content – words and narrative that go with pictures. The *Urban Sketchers blog* gained popularity between 2008 and the present, attracting hundreds and soon thousands of visitors daily.

In December 2009, Campanario established *Urban Sketchers* as a nonprofit organization (501 (c) (3) tax-exempt). A board of directors was elected. The organization's task is to raise the artistic, storytelling and educational value of location drawing, promoting its practice and connecting people around the world who draw on location where they live and travel.» https://en.wikipedia.org/wiki/Urban_Sketchers

^{iv} Numa analogia entre o desenhar e o viajar lentamente (a pé ou de comboio) por oposição, a outra analogia entre fotografar e viajar de avião, socorremo-nos de *A Arte da Viagem* de Paul Theroux. Ao invés da fotografia, o desenho à vista é como «avançar lentamente, atravessando fronteiras, passando pelo arame farpado com a mochila e o passaporte no bolso» (39). Viajar é como uma transição, ligando um local a outro, o que é muito diferente de se ser transportado rapidamente de um local conhecido para um desconhecido. A viagem aérea implica a truncagem do tempo, ou, pelo menos, a sua deformação. Por isso, o avião transforma o passageiro em viajante do tempo. Os aviões operam uma distorção do tempo e do espaço. Se, viajar de comboio é ainda viajar, o avião é, especialmente, um mero transporte, começando a viagem unicamente no momento de aterragem do mesmo.

^v Paul Valéry reconhece o desenho enquanto um meio de revelação (fotograficamente, falando) ou de conhecimento e descoberta do mundo visível. Em muito se deve à necessidade de atenção e concentração

no exercício do desenho, cujo processo mais dilatado faz derivar e remeter o desenhador para experiências anteriores de observação. Assim: «There is an immense difference between seeing a thing without a pencil and seeing it while drawing it. Even an object most familiar to our eyes becomes totally different if one applies oneself to drawing it, one perceives that one did not really know it, one has never seen it.» (Paul Valéry). O desenho permite um questionamento das aparências segundo Roderick Mills (“Drawing in the Age of Distraction”) citando John Berger: «A drawing slowly questions an event’s appearance and in doing so reminds us that appearances are always a construction with history.» A citação é elucidada por uma outra de John Berger: «To draw is to look, examining the structure of appearances. A drawing of a tree shows, not a tree, but a tree-be-looking-at.» (in *Enhancing Education Through Drawing*, 102) Em suma, o desenho é uma ferramenta básica de comunicação e de compreensão por imagens do funcionamento das coisas; um instrumento comunicacional que permite visualizar conceitos, ideias, narrativas e emoções processadas mediante uma linguagem visual pessoal.

^{vi} Entenda-se por tecnologia visual: «any form of apparatus designed either to be looked at or to enhance natural vision, from oil painting to television and the Internet.» (citação de Mirzoeff in *Visual Methodologies*, p. 17).

^{vii} Na ciência, a aparência das coisas é um mero indicador, apontando para fora de si mesmo para escondidas constelações de forças. Acrescenta Rudolf Arnheim: «The laboratory demonstration and the diagram in the textbook are not scientific statements but only illustrations of such statements. In the arts the image is the statement. It contains and displays the forces about which it reports. Therefore, all of its visual aspects are relevant parts of what is being said.» (*Visual Thinking*, 300) A imagem-ilustração permanece ligada à ideia de um objecto (paisagem) que ‘existe’ em si, como algo do mundo que nos é dado a ver; mas também, enquanto auxiliar de uma representação oral ou escrita. Todavia, qualquer imagem é uma asserção. Arnheim justifica assim: «The Picture does not present the object itself but a set of propositions about the object; or, if you prefer, it presents the object as a set of propositions.» (*Visual Thinking*, 308)

^{viii} The Development of Urban Sketching Considered Through Vintage Sketching Books - Ed Harker <https://www.youtube.com/watch?v=8MK21m6bLqA&t=2671s>

^{ix} Os objectivos da organização (*International Urban Sketchers*) são vários: a manutenção de uma rede de *blogs* e de grupos *online* através dos quais os *Urban Sketchers* partilham os seus desenhos e histórias, interagindo uns com os outros; a organização de um simpósio internacional, anualmente realizado numa cidade diferente, incluindo palestras, actividades e oficinas, conduzidas por educadores profissionais, arquitectos, ilustradores e artistas; a organização de oficinas de desenho urbano nas mais diversas cidades do globo, a cargo de uma equipa de instrutores; a publicação electrónica mensal, *Drawing Attention*, contendo notícias de instrutores de desenho urbano e das comunidades planetárias. O público dos simpósios e das oficinas mede-se aos milhares. As redes sociais *online* (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*) são os meios de comunicação e de convívio. A organização tem parcerias com escolas, universidades, museus, municipalidades e associações comerciais interessadas na promoção do desenho de observação *in loco*. Fornece oportunidades de negócio e de mecenato empresarial, visando uma audiência global interessada no desenho e no esboço.

^x «*The 1st Urban Sketchers Symposium* was hosted in Portland, Oregon, USA July 29 – 31, 2010. *The 2nd Urban Sketchers Symposium* was hosted in Lisbon, Portugal on July 21–23, 2011. It was attended by 200 people.

The 3rd Urban Sketchers Symposium was hosted in Santo Domingo, Dominican Republic, July 12 – 14, 2012 [1]

The 4th Urban Sketchers Symposium was hosted in Barcelona, July 11–13, 2013.[4]

The 5th Urban Sketchers Symposium was hosted in Paraty, Brazil, August 27–30, 2014.[5]

The 6th Urban Sketchers Symposium was hosted in Singapore, July 22–25, 2015.[6]

The 7th Urban Sketchers Symposium was hosted in Manchester, England, July 27–30, 2016.[7]

The 8th Urban Sketchers Symposium was hosted in Chicago, Illinois, USA, July 26–29, 2017.[8]

The 9th Urban Sketchers Symposium was hosted in Porto, Portugal, July 17–21, 2018.[9]

The 10th Urban Sketchers Symposium was hosted in Amsterdam, Netherlands, July 24–27, 2019.[10]

The 11th Urban Sketchers Symposium will be hosted in Hong Kong, April 8–11, 2020.[11]

https://en.wikipedia.org/wiki/Urban_Sketchers

^{xi} *Drawing Attention* é a publicação oficial de *Urban Sketchers* através da qual a organização comunica e promove as oficinas, simpósios, ‘sketchcrawls’, notícias e eventos. Uma das suas tarefas é a educação dos

leitores acerca da prática do desenho em certos sítios (<http://www.urbansketchers.org/p/drawingattention.html>).

A edição de Dezembro de 2021 contém uma estatística sobre o impacto da revista nos leitores do Reino Unido. Destacamos três parâmetros / perguntas: 82,65% dizem-se sentir ligados a outros *sketchers* do mundo; 64,29% dizem-se inspirados a tentar novas coisas no *sketching*; 47,96% dizem que a revista serve como uma fonte informativa para a educação. Neste número há informações e dicas de como preparar e planear antecipadamente uma viagem urbana para desenhar. No respeitante à preparação de uma viagem urbana, há que considerar diversos aspectos: localização; itinerário; divulgação; plano de actividades diárias e registo fotográfico exaustivo do acontecimento, para recordar e partilhar posteriormente. Uma boa memória do ambiente vivido de camaradagem internacional abre a possibilidade de se estar disponível para um outro evento e, de um participante num simpósio (num simpósio de Lisboa), como neste número acontece, vir a tornar-se um criador de um novo ramo da família global *Urban Sketchers* (no caso, a criadora de *Urban Sketechers* de Joanesburgo, Cathy Gatland, motivada pelo desejo de replicar a experiência vivida em Lisboa). Este número tem ainda um capítulo sobre a perspectiva curvilínea (na prática, a perspectiva guarda-chuva), ensinando como desenhar a aparência de qualquer objecto segundo a visão humana, usando os cinco pontos de fuga (ou usando os espaços das varetas de um guarda-chuva). Os exemplos dados são o de (o assombroso) Gérard Michel e Paul Heaston.

^{xii} A comunidade de *Urban Sketchers* é activa em muitos países da Europa, Américas e Ásia. Ela gerou inúmeras comunidades regionais. Os correspondentes do *blog* original e do grupo de *Flickr* organizaram desenhadores locais, dando origem a outros grupos de desenho urbano locais. Outros líderes de base criaram grupos, tutelados, de certo modo, pela organização *Urban Sketchers*. Os grupos regionais de desenhadores locais funcionam de modo semelhante ao grupo global. Todos eles, partilham os princípios orientadores da actividade, estabelecidos no Manifesto da organização internacional. Apesar disso, cada grupo regional mantém a sua individualidade local e cultural. Muitos deles dispõem dos seus próprios *blogs*, onde os correspondentes são convidados com base em critérios locais. Para os grupos de *Facebook* e *Flickr*, todos são convidados (https://en.wikipedia.org/wiki/Urban_Sketchers).

^{xiii} Os encontros de desenho suprem necessidades de divulgação e valorização do património local. A possibilidade de identificação e reconhecimento do lugar enquanto motivo do desenho é um requisito indispensável. Dir-se-ia que os pressupostos do manifesto desta comunidade de desenhadores não são contraditórios com as intenções de promotores e organizadores a nível municipal. O motivo e a função do desenho radicam numa relação com os lugares, o território físico, as paisagens (pitoresco) e o património arquitectónico e dos saberes-fazer.

^{xiv} LAWLOR, Veronica. USkTalks S2E2 - What is Reportage?. Palestra on-line proferida no canal *Urban Sketchers* no Youtube em 24 de jan. de 2021. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=wwwm2rAegSU> Acesso em 15 ago 2021. A questão para quem quer fazer reportagem: o que se acha interessante enquanto se desenha o que se desenha (Veronica Lawlor). Que história se quer contar?

LYNCH, Fred. USkTalks S2E2 - What is Reportage?. Palestra on-line proferida no canal *Urban Sketchers* no Youtube em 24 de jan. de 2021. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=wwwm2rAegSU> Acesso em 15 ago 2021. Reportagem: ir a um sítio e recolher algo do lugar; capturar e encontrar histórias e trazê-las e explicá-las (Fred Lynch). *Urban Sketching* é uma ferramenta essencial para quem decide fazer reportagem (Fred Lynch). Os desenhos de Fred Lynch são mais prolongados no tempo: «Fred's is to take a long time to sketch one subject. He doesn't just capture one moment, but a series of moments, making decisions during the process to help tell the story he wants to tell. He employed his "long look" approach when sketching the homes and workplaces of his immigrant ancestors in the New England area.» Estar aberto ao que se tem diante de si e em redor de si. O desenho é *a posterior* uma cápsula do tempo, registo das aparências (visual, mas não só) e do estado de espírito sentido no momento do desenho. Há um continuum entre a reportagem e o *urban sketching*: «Reportage and urban sketching are part of a continuum and the difference can be your intention. Are you sketching to make a piece of art, to explore color, to record a memory, or are you telling a story to be shared? Reportage is like writing a story to someone or like an essay about an event or place. Part of reportage is opening yourself up to all of the sensations of an event or place, welcoming interaction and being a part of it, and being open to capturing something in a particular moment in time. Research is also an important element of reportage because it can help you decide what to focus on as a solid starting point or can lead you to more research after you sketch something.»

^{xv} Viajante que deambula e desenha, vê e sente um dado lugar; mas também, viajante através do desenho, envolvendo-se no respectivo processo (através do qual se funde a realidade externa da matéria e do espaço com a realidade interna da percepção). Segundo Pallasmaa, ao desenhar-se a imagem de um objecto (cidade,

árvore) no papel (dançando na página), toca-se o objecto com a atenção, sente-se o seu carácter, imita-se as suas formas, ritmos e padrões com os músculos, internalizando-se a imagem na mente e na memória corporal do desenhador. Por isso, o desenho à mão regista e traduz tudo isto em linhas visíveis.

^{xvi} Uma forma de «contrariar a actual trajectória de divisão e solidão, não só no plano político e económico, mas também pessoal.» (Noreena Hertz, *O Século da Solidão*, p. 26)

^{xvii} Noreena Hertz apela ao compromisso necessário de cada um ser co-criador activo da comunidade para que todos possamos colher os benefícios: «De uma maneira mais geral, se quisermos sentir que o nosso ambiente local está vivo e que é acolhedor, temos de interagir mais com as pessoas à nossa volta, fisicamente, frente a frente. Abrandar o ritmo. Sentir a pulsação, fazer uma pausa. Sorrir. Conversar. Mesmo que, como acontece no momento em que escrevo, ainda tenhamos de ser socialmente distantes, mesmo que os nossos sorrisos ainda estejam escondidos atrás das máscaras, mesmo que a interacção humana presencial nos assuste. Agora, mais do que nunca, temos de estar preparados para nos incomodarmos em prol de estimularmos as nossas comunidades e as pessoas que nelas vivem, e fazer um esforço consciente para estender a mão aos que, no meio de nós, se sentem mais sós.» (Noreena Hertz, *O Século da Solidão*, p. 111) Justifica: «O nosso bem-estar depende da nossa geografia e dos nossos bairros locais.» (Noreena Hertz, *O Século da Solidão*, p. 110).

^{xviii} Matthew Brehm afirma no capítulo “Desenhar no Local, Ensinar e Aprender” (in Eduardo Salaviza (ed.) *Urban Sketchers em Lisboa – Desenhando a Cidade / Urban Sketchers in Lisbon – Drawing the City*) o seguinte a propósito das consequências do desenho in situ: «[...] Desenhar in situ é uma actividade que esbate frequentemente a distinção entre ensinar e aprender. Quando desenhamos, estamos amiúde a aprender novas competências, novas maneiras de observar e de registar, e estamos, sem dúvida alguma, a aprender sobre o que nos rodeia. Por vezes, somos também empurrados para o papel de professores, partilhando as nossas competências e técnicas com desenhadores nossos pares (em contactos formais, como sejam workshops e simpósios, e em contextos informais, como sejam maratonas de desenho), e, quando partilhamos os nossos desenhos, estamos, de facto, a ensinar outros quanto às nossas interpretações do mundo, “um desenho de cada vez”.» (20)

^{xix} A formação processa-se segundo uma dupla modalidade, informal e formal. A nível formal: Bienais, Festivais, Cursos e Workshops (dedicados a um tema e técnicas úteis para *Urban Sketching*: perspectiva, panorama, pessoas), Intercâmbios e convites institucionais. A nível informal: aprendizagem durante o convívio proporcionado pelos encontros, as redes sociais e os mercados (uns, exigindo um grau de especialização e profissionalização dos praticantes do desenho, eventualmente, na vizinhança do mercado de arte; outros, mais informais proporcionados pelas redes sociais e plataformas digitais).

^{xx} «Challenge: Portrait of a Day in the Pandemic Create a report by documenting details of your day in a drawing. What we are living through with the pandemic is history, so the way we spend our days is meaningful. As Veronica says, “These little moments add up.”» USkTalks S2E2 - What is Reportage? <https://www.youtube.com/watch?v=wwwm2rAegSU>

^{xxi} No mencionado Simpósio de Manchester, em 2016, Mark Leibowitz apresenta a possibilidade de o futuro da prática de *Urban Sketching* passar pelo uso de uma tecnologia: *Google 3D Painting*. A dita ferramenta tecnológica – mais precisamente, o *Tilt Brush* – permite pintar o espaço tridimensional com o auxílio da realidade virtual. A promessa é a de pintar o próprio ar. In *What’s in Your Pocket? A Juried Review of Cool Urban Gear – Mark Leibowitz* <https://www.youtube.com/watch?v=gUr6sKRj5iU>
Ainda sobre o desenhar com Google Maps, cf. For Urban Sketchers at Home: How to Sketch with Google Earth <https://www.youtube.com/watch?v=NjeoKxu3QPo>

^{xxii} É oportuna a advertência de Paul Teroux: «O luxo é o inimigo da observação, um prazer dispendioso que induz uma sensação [diríamos, anestésica] que [nos faz não repararmos] em nada. [...] Impede-nos de conhecer o mundo.» (*A Arte da Viagem*, 36)

^{xxiii} Unidos por uma mesma paixão: o desenho. O que não impede que um dos palestrantes de um simpósio de *Urban Sketchers* refere um conjunto de estratégias para impedir que as pessoas espiem os desenhos: encostar-se às paredes, desenhar através dos reflexos; fingir que o caderno é um livro que se está a ler. Cf. *The Development of Urban Sketching considered through vintage books* – Ed Harker

^{xxiv} Mark Leibowitz aconselha o desenhador a levar o menos peso possível (para se poder mover e desenhar) e a potenciar a versatilidade e leveza dos materiais necessários (água, paleta, reutilização de caixas de chocolate para armazenamento de lápis). Apresenta um conjunto de exemplos de criatividade dos Urban Sketchers na proposta de soluções práticas (por exemplo: mochilas especiais; Handy Urban Sketching Palette; o clip metálico para segurar as folhas de desenho em situação de ventania) e incentiva o desenhador à reutilização e transformação de materiais encontrados (Instant Travel Brush; Twig Sketching; Urban Sketch Collage). In *What's in Your Pocket? A Juried Review of Cool Urban Gear – Mark Leibowitz* <https://www.youtube.com/watch?v=gUr6sKRj5iU>

^{xxv} In Gabriel Campanario file:///C:/Users/bartl/Documents/The-Urban-Sketching-Handbook_-_Architecture-and-Cityscapes_-_Tips-and-Techniques-for-Drawing-on-Location.pdf (p. 56)

A tradição pictórica da *veduta* (século XVIII) comportava – na prática de um dos seus expoentes, Canaletto (Bernardo Bellotto) – uma reconstituição no atelier a partir de esboços de vistas parciais, detalhadas da cidade.

^{xxvi} ‘Sketch’ (Substantivo): 1. “a rough or unfinished drawing or painting, often made to assist in making a more finished picture” – Sinónimos: desenho preliminar; representação; diagrama; delineação; desenho planar; desenho de silhueta; esboço; croquis; maquete; decalque; 2. “a short humorous play or performance, consisting typically of one scene in a comedy program”; 3. “make a rough drawing of” – Sinónimos: “draw; make a drawing of; draw a picture of; depict; portray; represente; delineate; pencil; rough out; outline”. Bosquejar; esboçar; desenho sumário; aspecto geral (em português).

^{xxvii} A imagem desenhada (enquanto artefacto, envolvendo uma série de acções que adquire realidade pelos seus actores) não é a coisa, o fora do quadro (tal como o mapa não é o território). A imagem é para ser vista e ser (é) recebida como desenho. No fabrico e no consumo das imagens desenhadas, o corpo (do desenhador) é valorizado como um lugar de mediação, de fabrico e de localização. Por oposição ao olho técnico (ao olho humano assistido por uma máquina / aparelho de visão), os *Urban Sketchers* valorizam o olhar humano (ver a olho nu), as referências corpóreas directas, a posição ocupada pelo observador no mundo real. Nessa medida, a informalidade é duplamente valorizada: quer no ensino informal do olhar (desse modo, revelando que o olhar não é natural, nem inocente) quer na partilha e difusão dos desenhos nas plataformas digitais. Nos sites surge uma fotografia de grupo, certificando a identidade dos participantes nos encontros e simpósios.

^{xxviii} «In recent years, and especially after the early death of his wife, Saxgren has focused on photographing landscapes. “Landscape photography has almost taken the place of landscape painting. There aren’t many landscape painters anymore. But in principle, I work the same way they do. It isn’t the camera or the computer that decides what the image will look like. Only I decide what colours I want to emerge. I build the image.» A life of taking pictures | Photographer Henrik Saxgren | Louisiana Channel <https://www.youtube.com/watch?v=sMF316Mo6GI>

^{xxix} Embora sendo verdade (Paolo D’Angelo está de acordo) que a paisagem como género pictórico nos ensine a ver a paisagem real, a experiência de uma paisagem real não é idêntica à que se tem de uma sua representação pictórica.

^{xxx} David Hockney Interview: I Am a Space Freak <https://www.youtube.com/watch?v=rnDAidgLZiE&t=282s>
David Hockney’s Monumental Vision <https://www.youtube.com/watch?v=eazPAR5xbQc>
David Hockney’s Sketchbook <https://www.youtube.com/watch?v=mYK94FUpqEY>

^{xxxi} Leon Kossoff London Landscapes <https://www.youtube.com/watch?v=bWis7hyhmsE> Ou, também: Contemporary Landscape Painting: A Complete Survey (Including The Top 12 Most Important Artists) <https://www.youtube.com/watch?v=Q4PgUBycqTM>

^{xxxii} Frank Auerbach: The Shell Buliding, A Site In Focus <https://www.youtube.com/watch?v=MMFaSiElhB4> ; When Stephen Smith met artist Frank Auerbach – Newsnight <https://www.youtube.com/watch?v=IuSSrWf1fLE>

^{xxxiii} A Vossa Terra: Entrevista a João Mário Grilo (Parte 1) <https://www.youtube.com/watch?v=4yUCRmQ3sk0>

^{xxxivxxxiv} Paolo D'Angelo sublinha a importância da identidade estética dos lugares – em certa medida aproximável da expressão metafórica de *genius loci*.

^{xxxv} Entidade histórica e evolutiva (não sendo só natureza, nem só história), a paisagem tem mudado através dos tempos e em correlação com mudanças históricas.

Website: <https://lugar.memoriamedia.net>

Local: **Fórum das associações**

Travessa do Quebra-Costas nº9
Torres Vedras

Horário: 14.30h - 18.00h (quinta a domingo)

Licença: Creative Commons

Atribuição-NãoComercial-CompartilhaGual 4.0 Internacional.

